

# LUIZINHO E CARLÃO: UM PARADOXO MASCULINO

UMA ABORDAGEM SOBRE A  
SEXUALIDADE MASCULINA  
NA ADOLESCÊNCIA A PARTIR  
DA LEITURA DO CONTO  
*CACHORRO DOIDO* DE  
HAROLDO MARANHÃO.

Benilton Cruz

Mestre em Teoria Literária. Professor da Universidade  
da Amazônia — UNAMA.

Que não há fatalismo na raiz de homem ou  
rio. Um homem (ou rio) não é  
predeterminado; é construído.

José Carlos Capinam

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho foi fruto da disciplina Literatura e Sociedade ministrada pelo professor Ernani Chaves para o mestrado em Teoria Literária. Esta disciplina procura, dentre outras coisas, encontrar os fundamentos da sociedade e seus reflexos na obra literária, a relação da obra com o entendimento dos agrupamentos sociais em questão e, principalmente, averiguar a linguagem literária em consciência com seu ambiente de manifestação. Reconhecendo a linguagem como o material da literatura, esta abordagem partirá da leitura do conto *Cachorro Doido* de Haroldo Maranhão em sua obra *Jogos Infantis* no intuito de se analisar a masculinidade e a expressão dessa masculinidade na adolescência.

Para a proposta de trabalho de pesquisa sobre o erotismo masculino do início da adolescência será conveniente, num primeiro momento, conhecer, em um plano teórico, um conceito de sexualidade e o que se tem de oportuno sobre o erotismo masculino, pois serão essas as duas linhas básicas da discussão do estudo que aqui inicia. O conceito de sexualidade para a compreensão da trajetória biopsíquica do indivíduo do sexo masculino, e o erotismo como expressão dessa sexualidade no âmbito da cultura, grupo ou sociedade em que essa pessoa do sexo masculino, adolescente possa utilizar como descoberta do próprio ser sexual. O objetivo do trabalho é analisar esta descoberta, a partir, de citações do conto escolhido<sup>1</sup>.

Esse conto é, na verdade, a substância social do estudo, uma vez que a história narrada aborda um assédio sexual envolvendo dois adolescentes do sexo masculino. Outro aspecto é que os dois adolescentes no conto do escritor paraense aparentam ter a mesma idade. Com esses dois dados: o do assédio sexual e o da semelhança das idades será possível conferir um perfil da sexualidade masculina do início da adolescência vista e analisada a partir da obra em si, com o auxílio da Psicanálise.

## 2. LITERATURA E SOCIEDADE

A literatura sempre expressou o homem de uma época ou de uma sociedade, e sempre o homem de todas as épocas, porque a literatura não deixa de ser o tempo aprisionado. O tempo é finalmente capturado pela palavra escrita: é "congelado" para servir-se das leituras que compreenderão essa sociedade. Na obra literária podemos capturar alguma coisa porque ela é passível de cristalizações do sempre surpreendente comportamento humano. A obra visualiza os dramas humanos. Assim como o mito captura a palavra viva, a literatura capta a palavra escrita, aquela que será aprisionada no canto (a poesia) ou que se cristaliza na narrativa escrita como o monumento humano (o conto). E particularmente falando em conto, será que ele não seria um bom ponto de partida para qualquer análise de um estudo sobre alguma sociedade?

Temos que nos perguntar à linguagem.

O poeta ou o escritor tem aparentemente uma finalidade: capturar o movimento, fixá-lo na obra, esta que revela a sociedade do artista na qual viveu. Onde se escreve ali está o desejo: a literatura é assim, é também uma inscrição. É também o revela de um desejo. Todo escrito revela uma forma de viver e uma forma de conviver. Como não ver na literatura um testemunho

privilegiado das relações. Claro é que a ficção não deixa de ser um campo neutro, onde se trabalha entre o verdadeiro e o falso, e essa dicotomia poderosa ainda atrapalha nossa compreensão do fenômeno literário, mas cada obra é uma obra e isso é que é interessante: às vezes, na arte, o falso é mais verdadeiro do que se imagina; e o que é verdadeiro torna-se quase um escândalo.

Unido o poeta ou o escritor ao público leitor e ou o ouvinte a linguagem incluía-se como coesão de um passado mítico ou glorioso ou a uma verdade do tempo presente. “A literatura não é realmente uma reflexão do processo social, mas sim a essência, o resumo e o sumário de toda a história”<sup>2</sup>. O poeta ou o escritor têm, pelo menos, essa “função”, a de capturar o movimento, dar-lhe sentidos ao encantatório. Especificamente falando do escritor, ele conhece muito bem uma sociedade ou uma época porque foram a sensibilidade aberta dessa sociedade ou época. Sua escrita é sua veia. Seu conhecimento é sua escrita, portanto, a sociedade se escreve.

O conto de Haroldo Maranhão é um desses exemplos. O que atinge a essência da história de uma sociedade em um determinado momento e um movimento. A essência seria o comportamento sexual dos adolescentes masculinos de uma mesma idade. A ação do conto corresponde ao assédio sexual induzido pelo personagem chamado “Carlão” sobre um outro personagem, também do sexo masculino, de nome “Luiz”. Ou seja, o conto enfoca o que poderia ocorrer realmente entre adolescentes do sexo masculino em uma mesma faixa de idade. Aquela iniciação sexual com colegas do mesmo sexo, aquele famoso “homossexualismo natural” da adolescência.

O outro lado veriditório dessa sociedade ou dessa época é que no texto do conto aparece um narrador que apresenta uma história descrita como se ela realmente tivesse acontecido, ou como ela é na verdade. A história do esperto Carlão que vai “comer” um bom dum fresco” (p. 18). Tem-se o detalhe, o acontecimento, a cena do assédio sexual sem que houvesse o relato. O conto não é um relato de experiência. É a experiência em si. O retrato de uma cena proibida, sem distorção.

“O processo mais comum de abordar as relações da literatura com a sociedade é, de longe, aquela que reside no estudo das obras literárias enquanto documentos sociais, presumindo-as retratos da realidade social”<sup>3</sup>

O que Wellek e Warren estão querendo dizer é que literatura não é documento e sim monumento e que será a síntese de um momento ou de uma época. O conto de Haroldo Maranhão tem a singularidade social da sociedade em que o conto a circunscreve. Este estudo sobre o erotismo masculino vai se aproveitar do lado documento-monumento da obra. Essa validade da obra está, antes de tudo, no procedimento de linguagem.

### 3. SEXUALIDADE

Sabe-se que a vida humana é vida sexual. Da infância até a “melhor idade” a vida da pessoa humana é sexualmente um contínuo. Da penetração do óvulo à primeira amamentação, é impossível não se pensar em prazer. Parece que tudo gira de acordo com as calhas do prazer. E sobre o florescer dos desejos, é bem possível que não existam aparecimentos súbitos de manifestação da sexualidade. As diversas “fases da sexualidade” parecem que mais condicionam temporariamente uma “educação” natural para a sexualidade e não o seu definitivo projeto sexual do ser humano. Por exemplo, (as tradicionais): a fase oral, a da satisfação com o seio materno (ou seu substituto); a fase anal, a que condiciona o prazer de soltar ou prender as fezes, - e nesta, a fase que por parte da mãe (ou do educador por perto) “um tapinha não dói” e instaura “os estímulos e sanções que a sociedade utiliza para promover a educação”<sup>4</sup>; a fase fálica, aquela em que tanto o menino como a menina “só conhecem” um único órgão genital, o órgão masculino”<sup>5</sup>; a fase genital, a da estruturação dos órgãos e que prepara a puberdade; e, finalmente (ufa!) a fase libidinal que já é um estágio avançado da fase genital, quando da organização definitiva da zona erógena genital. — Sobre todas essas fases, compreendendo-as como transição, há de se supor que a sexualidade seria uma programação de continuidade, um projeto que se cria permanente, conforme atesta a LAPLANCE e PONTALIS (1994,476).

“Sexualidade não designa apenas as atividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas toda uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância que proporcionam um prazer irreduzível à satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental (respiração, fome, função de excreção, etc), e que se encontram a título de componentes na chamada forma normal do amor sexual”<sup>6</sup>.

Compreende-se, então, que a sexualidade é praticamente uma forma de dizer vida ativa, abrangendo, claramente, o desenvolvimento psico-social do indivíduo, sendo categórico afirmar que a sexualidade não é somente um estado de condição de vida apta para ambientar a pessoa para a reprodução, é, também, didaticamente, um conjunto de fases, que desde a infância, engendra corpo e mente em harmonia de unidade na constituição não somente de macho ou de fêmea, mas de pessoa humana.

Dessa maneira, a Psicanálise investigando a sexualidade humana analisa a nossa vida psíquica porque crescemos com a sexualidade. E seria natural que a sexualidade se manifestasse de maneira diferente ao longo desse crescimento. Diferente,

porém, permanente. O tornar-se “macho”, ou “ser do sexo masculino”; e o tornar-se “fêmea” ou “ser do sexo feminino” compreende um verdadeiro desafio (e quem sabe construção) para ambos os lados. Todos os pontos observáveis contam para tirarmos proveito sobre sexualidade: cultura, religião, família, clima, sociedade, alimentação, roupas, lazer, tabu, esporte, economia, literatura, literatura? Sim, porque é preciso analisar o que é de humano, ou o que se faz com o que é humano. Assim, vamos com o que é para este estudo: observar a sexualidade humana a partir de um testamento-monumento: um conto de Haroldo Maranhão.

Vamos fazer o seguinte: esta pesquisa será uma abordagem sobre o tornar-se homem. O “vir a ser” do sexo masculino, de acordo com a “descoberta” da sexualidade. Claro que o conto do Haroldo Maranhão é muito mais agradável do que qualquer artigo sobre esse fenômeno. Mas, uma pergunta é logo intrigante, por que certas “iniciações” de sexualidade são com pessoas do mesmo sexo? Eis aqui a razão da escolha do Luizinho e Carlão para se tentar chegar senão a uma resposta mas quem sabe a uma outra dúvida. Respostas e dúvidas serão temporárias, como qualquer processamento científico, (ainda bem) eis a questão resolvida, porém vamos ao enredo desse drama: quem forja os papéis sexuais na cabeça das crianças? (ou dos meninos, os dos que são meninos-homens?). A literatura tem que contar (ou mostrar) tudo, assim como a Psicanálise tem que analisar tudo. Onde está a expressão da sexualidade masculina? Não se falará em “papéis sexuais” pois se acredita que eles “são forjados socialmente”<sup>7</sup>.

#### 4. A SEXUALIDADE E O TORNAR-SE MASCULINO

Se a sexualidade orienta a vida, a literatura orienta, em parte, a sociedade. Diz o poeta José Carlos Capinam:

“Que não há fatalismo na raiz de homem ou rio.  
Um homem (ou rio) não é predeterminado,  
É construído”<sup>8</sup>

A construção do homem é arte (a técnica) para ele mesmo. Sua evolução, seu rumo, sua afirmação. O poeta diz que ser homem é ser uma construção. Elisabeth Badinter em seu *XY: sobre a identidade masculina*, também, chama a atenção para essa construção:

“Ser homem implica um trabalho, um esforço que não parece ser exigido das mulheres. E mais raro ouvir “seja mulher” (...) agimos [as mulheres] como se a feminilidade fosse natural, enquanto a masculinidade tem que ser conquistada”<sup>9</sup>.

No conto de Haroldo Maranhão se encontra uma dessas provas de masculinidade, quando “Carlão convence o tímido e ingênuo Luiz a não lhe chamarem mais de Luizinho”.

“— Olha, vem cá, vou te dar um conselho: acaba com essa merda de Luizinho que tu fica marcado. É Luiz. Quando perguntarem tem nome tu diz: “Luiz” (p. 16).

Essa tarefa, a de provar a masculinidade, é geralmente, acrescida com alguma mostra de virilidade masculina.

“... E se alguém te chamar de Luizinho, alguém que te conheça de fora, tu responde: “Luizinho é este aqui!” e agarra os colhões, que o sujeito vê logo que tu és de pouquíssima conversa” (p. 16).

É a prova mais concreta da masculinidade (agora falando no “universitês”): o pênis. Quem haveria de questionar o poder de segurar os colhões. A masculinidade parece ser mais um ato do que um traço biológico (ou seria os dois?) e quem é mais intenso no ato de agarrar os colhões seria mais masculino? Seria mais macho? A famosa frase “prove que você é homem!” é um esforço de superar a timidez inicial que termina quando o menino começa a compreender o poder daquilo que está no centro do seu corpo. Claro: pênis e fala não são a mesma coisa. É necessário entender o valor simbólico da masculinidade. É necessário separar o poder de um órgão e o poder de um símbolo.

“Em psicanálise, o uso deste termo (o fala) sublinha a função simbólica desempenhada pelo pênis na dialética intra e intersubjetiva, enquanto o termo “pênis é sobretudo reservado para designar o órgão na sua realidade anatômica”<sup>10</sup>

O tornar-se masculino na adolescência é a afirmação da virilidade. Superada a frase “Prove que você é homem!” O adolescente encontrará pela frente outras tarefas que corroboram a virilidade conquistada, como:

- Você pode brigar, mas não chorar.

- Você precisa lutar para superar os seus colegas, sem jamais admitir derrota.
- Se você quer mostra a um homem que gosta dele, você o ataca de brincadeira: dá tapinhas, soquinhos ou pequenos empurrões.
- Você pode seduzir garotas para provar a sua masculinidade, mas tem direito uma noiva virgem.<sup>11</sup>

Todas essas tarefas de conquistas da masculinidade, dentre outras que não couberam aqui, caem como um dever do adolescente para com o poder. O poder da superioridade. Da sua hierarquia em relação às mulheres. Mas será que é esta, realmente, a virilidade que assegura uma pessoa do sexo masculino de ser considerada homem?

É de se constatar que se torna difícil argumentar sobre essa pergunta, uma vez que seria necessário verificar as mudanças que ocorreram no mundo como fator que levaria, também, a mudanças de comportamento em relação à sexualidade. Sabe-se que com o advento do Iluminismo, por exemplo, “os valores viris se esmaecem. A caça torna-se uma distração. Os jovens fidalgos passam mais tempo no salão ou na alcova das mulheres do que nos quartéis”<sup>12</sup>. Fez-se lembrar esse trecho de *BADINTER* porque, geralmente são os jovens, que, na sociedade, participam de mudanças mais radicais no comportamento sexual. E em matéria de sexualidade o jovem é a seta e o alvo de um arco oculto na ignorância que manejam mãos desconhecidas sobre a força do tiro.

*O erotismo do “Carlão” é o da dominação. Uma dominação da cultura masculina, marcada pela virilidade, que começa pelo poder de nomear.*

— E tu, como tu te chama?

— Carlos. Mas me chama de Carlão que eu prefiro. Carlos ainda podem duvidar, mas Carlão muda de figura, que qualquer um pensa duas vezes antes de me pisar o pé. (...) Se me chamam “Carlos” me sinto fraco, porque não sei, mas me sinto fraco. Agora, se me chamam “Carlão o sangue ferve” (p. 16).

Se a sexualidade se definisse pelo nome ao qual chamamos as pessoas. “Carlão” é o macho determinado pela virilidade em excesso. Porém essa mecheza já se encontra ultrapassada uma vez que a “nova virilidade foi identificada com o sucesso simbolizado pelo dinheiro”<sup>13</sup>. Vê-se, então, que a virilidade masculina oscila, atualmente, mais a favor de uma ideologia do que a sexualidade.

“Carlão” é o menino-homem. Parece estar bem definida a sua sexualidade. Sua masculinidade é adquirida no âmbito em que só o sexual masculino é valorizado, o restante é secundário:

“Luizinho (...) ficou o tempo todo espiando o Cenho sentado mais à frente, o cabelo arrepiado, parece que não usava pente, a camisa desmazelada por fora da calça, o sapato sujo de lama e a cara de homem acostumado, no corpo de menino” (p. 17).

O penteado, a maneira de vestir e de andar são degradantes. Seriam formas de chamar a atenção? Que paradoxo é esse? O machão-espantinho? Macho-desmazelado? Lembrando bem o paradoxo aquela figura de pensamento que exprime a opinião contrária ao senso comum.<sup>14</sup> Chama a atenção e agrada ao Luizinho que observava a maneira de ser de Carlão. Luizinho que concordava com a cabeça, e que “falar não conseguia”, que “tinha medo de soltar uma bobagem que desagradasse o outro” (p. 16) e que era tão comportado que “só seus olhos mexiam-se, as mãos postas nas coxas” (p. 16 e 17). Era este mesmo menino, cujo o apelido será, paradoxalmente, o de “Cachorro doido”.

“Quem é que não tem medo de cachorro doido? Táí. Tou achando melhor “cachorro doido”. Tu quer? Se tu quer eu espalho, que daqui a um pouco esquecem essa porra de Luiz (p.17).

A palavra “medo” aparece na fala do personagem Carlão como forma de assegurar a masculinidade. Diante do “Cachorro doido” tem que se ter medo, assim como diante do “Carlão” tem que se sentir fraco. Carlão constrói a imagem de virilidade e repassa-a ao ingênuo Luizinho. Este não a aceita e diz “— Não, não, por favor. Olha, Carlão, vou pensar. eu preciso pensar.” (p. 17)

É claro que tudo foi um truque. A intenção era outra. Carlão, o criança-macho, ao persuadir Luizinho para aceitar a virilidade, cria mecanismo de domínio sobre este: “Só mesmo na minha cabeça que iam acreditar que o mimoso é cachorro doido, que quem nasce para Luizinho morre Luizinho” (p. 18).

Tem-se, então, o paradoxo “vou comer hoje o “Cachorro doido”! O paradoxo da dominação masculina calcada na ideologia do pater poder de superioridade ao sexo feminino. O paradoxo de uma “masculinidade que difere segundo a época, classe social, raça e idade do homem”<sup>15</sup>. O paradoxo da variabilidade dos estereótipos masculinos pelo mundo. O paradoxo de que a masculinidade só é definida com relação à feminilidade. O paradoxo do mais forte, mas inteligente, mais corajoso é, em média, aquele que vive menos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura em muitas vezes é ainda muito comportada, imitativa e pouco original. Se levantamos o sexo na literatura

ficaremos decepcionado. Especialmente, na literatura brasileira, o sexo ainda é desconhecido. Mais precisamente sobre a sexualidade adolescente ainda bem que existe Haroldo Maranhão. Sua obra *Jogos Infantis* é um achado dentro desse vazio que é a literatura brasileira quando o assunto é sexualidade.

Agora, analisando a sociedade e sua cultura do desprezo pelo conhecimento do prazer, o pênis é o intocável, é o *corpus*, o cadáver, que se tocado deve-se lavar as mãos imediatamente. sobre este estudo da sexualidade masculina no âmbito da sociedade o primeiro ponto visado pela Psicanálise é esse desafio: recolocar a sexualidade no centro, assim como os órgãos sexuais no centro do corpo. Considerar que literatura e Psicanálise tem em comum o enigma do corpo, esse desconhecido. Escrevê-lo como um texto e decifrá-lo como um corpo. Do corpo nada se separa, nem a sua repressão, frustração, negação. Negar o corpo é negar a escrita. E eis que Haroldo Maranhão abre o jogo, um jogo infantil, mas desafiador.

Para isso os contos do "Jogos Infantis", de Haroldo Maranhão não foram, apenas, as brincadeiras sexuais proibidas que a curiosidade insistiu conhecê-las, mas foi a obra literária que tenta reunir o que a sociedade separou: o adolescente da sua sexualidade. A importância do conto "Cachorro doido" em relação a sexualidade masculina é que a ação da narrativa, o assédio sexual entre dois adolescentes do sexo masculino, se apresenta como chave para se descobrir o que existe na relação sexual, um mundo desconhecido. Essa mesma relação sexual que é o assunto de todos os dias. O que já é um outro paradoxo, o assunto mais comentado em nosso dia a dia não é o mais estudado. E quando se analisa o pouco conhecimento que temos sobre a sexualidade e a prática sexual, sendo esta considerada normal ou não. Ler *Jogos Infantis* na sala de aula, nem pensar.

"Carlão" e "Luizinho" representam muito bem o processo da sexualidade masculina. Principalmente na relação masculina. Ainda que uma sexualidade "machona", mas uma sexualidade reprimida. Principalmente na relação masculinidade e autoconhecimento. A relação masculinidade e poder é outro paradoxo. Representada na figura do personagem de nome "Carlão", a masculinidade que durante milênios foi associada à virilidade como força, a que é a supremacia do *pater*, nega-se como desmazelo de toda ordem: cabelos, vestuário, sentimentos, linguagem. O próprio paradoxo estaria no assédio, na forma que são tratadas sexualidades diferentes. O "Luizinho" é assediado para tornar-se homem, mas é "comido".

Aí, no momento que se mostra a força da virilidade de "Carlão" mostra-se também o outro lado dessa virilidade, a fragilidade. É esse o mundo desconhecido e que é praticado quase que todos os dias. O que já é um outro paradoxo, quando se analisa o pouco conhecimento que temos sobre a sexualidade e a prática sexual do dia-a-dia, sendo esta considerada normal ou não. "Carlão" e "Luizinho" representam muito bem o paradoxo da sexualidade masculina.

#### BIBLIOGRAFIA

- BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a Identidade Masculina*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1993.  
BRANCO, Lúcia Castello. *O que é Erotismo*. São Paulo. Brasiliense, 1994.  
CAPINAM, José Carlos. *Inquisitorial*. 2. ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1995.  
CHERUBIM, Sebastião. *Dicionário de figuras de linguagem*. São Paulo. Pioneira, 1989.  
DORAIS, Michael. *O erotismo Masculino*. São Paulo. Loyola, 1994.  
FRY, Peter e MACRAE Edward. *O que é Homossexualidade*. São Paulo. Brasiliense. 7ª edição. s.d.  
HERMANN, Fábio. *O que é Psicanálise*. São Paulo. Brasiliense. 9ª edição, s.d.  
LAPLANCHE, Jean e PONTALIS, Jean-Baptiste., *Vocabulário da Psicanálise* São Paulo, Martins Fontes, 1994.  
MARANHÃO, Haroldo. *Jogos Infantis*. São Paulo, Francisco Alvez, 1986.  
TUCKER, Patrícia e MONEY, John. *Os papéis sexuais*. São Paulo. Brasiliense, 1981.  
WELLEK, René e WARREN, Austin. *Teoria da Literatura*. Lisboa. Publicações Europa-América, 5ª edição s.d.

1 MARANHÃO, Haroldo. *Jogos Infantis*. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora, 1986, p. 15 – 19. ao longo do texto os números da página são desta edição.

2 WELLEK, René e WARREN, Austin: *Teoria da literatura*. Lisboa. Publicações Europa-América, 5ª edição, s.d, p.115

3 Idem. *Ibidem*, p. 124.

4 HERRAMAN, Fábio. *O que é Psicanálise*. São Paulo Brasiliense. 9ª Edição, s.d.p. 62.

5 LAPLANCHE, Jean e Pontalis, Jean-Baptiste, *Vocabulário da Psicanálise*, São Paulo, Martins Fontes, 1994. p.

6 Idem. *Ibidem*, p. 476.

7 FRY, Peter e MacRae, Edward. *O que é Homossexualidade*. São Paulo, Brasiliense. 1991, p. 11.

8 CAPINAM, José Carlos. *Inquisitorial* Rio de Janeiro. Civilização brasileira, 2 ed. 1995, p. 60.

9 BADINTER, Elisabeth, *XY: sobre a Identidade Masculina*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1993, p. 3 e 4.

10 LAPLANCHE, Jean e PONTALIS, Jean. Baptiste., *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes, 1994. p. 166, 167.

11 Estes estereótipos são os da sociedade americana no estudo feito por JOHN MONEY e PATRÍCIA TUCKER, no livro: *O papéis sexuais*: São Paulo, Brasiliense. S. d. p, 14.

12 BADINTER, Elisabeth, *XY: Sobre a identidade Masculina*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1992. p. 14.

13 Idem. *Ibidem*, p. 20.

14 Cf. CHERUBIM, Sebastião. *Dicionário de figuras de linguagem*. São Paulo. Pioneira, 1989, p. 50.

15 Cf. BADINTER, Elisabeth, *XY: sobre a Identidade Masculina*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1993, p. 28.

# HAROLDO MARANHÃO

## Jogos Infantis

Variações  
em torno do  
mesmo tema

Viagem  
ao  
curro

Bilhete

Osceles  
mosquiteiros

Menino que  
faz menino

Aviolinista

Menina  
moça

Movimento  
no  
póreo

Continha  
do  
filó

  
Francisco  
Alves